



A revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16-17)

SARTUSO, V. **A revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16-17)**. São Paulo: Paulinas, 2008.

Isidoro Mazarolo

Ph.D. em Exegese e Arqueologia Bíblica pela École Biblique et Archéologique de Jérusalem, professor e orientador de NT na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Instituto Franciscano de Petrópolis, RJ - Brasil, e-mail: mazarolo.isidoro@gmail.com

A obra se divide em 12 capítulos. O objeto de estudo era, como de fato foi, uma análise estilístico-narrativa desses dois capítulos do livro dos Números. No entanto, o que emergiu desse estudo é a forma como o sacerdócio aaronita e levita conseguiu manter sua hegemonia dentro das tradições de Israel com o argumento da vara que floresceu. A sucessão sacerdotal que, até um determinado momento da história, era de escolha múltipla e até democrática, depois passa a ser exclusividade dos aaronitas.

No primeiro capítulo, Vicente Artuso faz uma análise semântica dos principais elementos dos dois capítulos, tentando descobrir o movimento literário do texto, as camadas redacionais e as possíveis origens das fontes. Nesse particular, o autor gasta diversas páginas ao sabor dos elementos hebraicos de composição do texto. O texto se apresenta como uma obra “compósita”, isto é, de superposição de camadas redacionais,

interpolações, superposição de estilos, formas e conteúdos. No entanto, depois de toda uma dissecação do texto, foi necessário adotar o texto final (texto atual) como objeto fundamental de estudo. O que interessa é a obra final que chegou até o texto atual e presente. O próprio nome de Coré, como levita, seria uma inserção na última redação sacerdotal, com o objetivo de mostrar que os levitas buscavam também os privilégios sacerdotais (16,10-11). A hipótese desse conflito não se baseia no texto, no qual Coré aparece como levita, do mesmo modo o começo da revolta de Coré e Datã, pois a complexidade da formação do texto indica mais uma sequência do que um início da história de conflitos.

A história de Coré e seus 250 líderes se entrelaça com a de Datã e Abiram, mesmo deixando traços de composições superpostas. Enquanto Coré está na ordem dos relatos de brigas pela sucessão sacerdotal, o viés narrativo de Datã e Abiram parece ter vínculos com a narrativa da viagem para a terra da promessa (Êxodo).

Com uma vasta fundamentação bibliográfica sobre a história das fontes e das formas do texto, Vicente não tem como objetivo desvendar a origem de cada camada, apenas estuda e apresenta cada uma das etapas para mostrar a complexidade da escritura. O estilo é novelístico, dramático e com muitos pontos de tensão. Os autores da composição final juntam as três narrativas, que talvez surjam separadas, mas agora interessa mostrar que Moisés e Aarão estão de um lado, e do outro Coré, Datã e Abiram, com os outros 250 líderes na busca de um lugar ao sol, no acesso ao sacerdócio. Diante das dificuldades de Aarão em deter o conflito, Moisés, a autoridade máxima, intervém contra os revoltosos. Assim, os levitas de grupos diferentes, liderados por Coré, se reúnem contra Moisés e Aarão, ainda que, por outro texto (Ex 6,18.20; Nm 3,19) o pai de Coré, Isaar, era irmão do pai de Moisés e Aarão, Amram.

A questão fundamental é saber quem vai resolver o conflito? A solução parece vir de Deus, pois Este fala a Moisés ordenando que ele se dirija ao povo (aos revoltosos) e a Coré. A proposta de solução viria por um caminho estranho, de fora, e seria uma espécie de intervenção divina para saber quem teria acesso ao sacerdócio e quem seria excluído. Quem tivesse o favor divino seria eleito para continuar a exercer o sacerdócio, e quem não fosse agraciado perderia o direito de pleitear essa função. Quem iria

escolher ou privilegiar os continuadores da função sagrada do sacerdócio seria Deus e os que Ele escolhesse seriam os que continuariam. Aos outros caberia apenas a aceitação da exclusão.

Entre Deus e a assembleia os representantes dos privilegiados se colocam. Moisés e Aarão representam o grupo sacerdotal com maior direito. Deus escolherá o seu mediador para representá-lo diante da assembleia. No discurso de Moisés está patente o conflito de autoridade. Essa confusão seria, ao menos em parte, reflexos de um problema não resolvido.

A intervenção divina representa uma ameaça aos revoltosos e uma proteção a Aarão e Moisés. Contudo, para que eles também não sofressem o castigo aplicado aos revoltosos, Deus pede que Moisés e Aarão se afastem do meio do povo. Esse afastamento tinha uma intenção de preservação da autoridade de Moisés e Aarão diante dos revoltosos, bem como de demonstração da proteção de Deus aos dois líderes privilegiados. No entanto, essa ruptura gera um conflito ainda maior, pois agora todo o povo vai se revoltar contra Moisés, que havia questionado a autoridade e a legitimidade do sacerdócio de Coré e seus líderes (Nm 16,10-11).

Quando Moisés terminou de falar ao povo e aos revoltosos a terra se abriu e todos foram engolidos (16,27-29.32). Essa narratologia tinha uma finalidade catequética de insinuar para a desgraça de todos aqueles que não aceitam ou se revoltam contra os enviados de Deus. O castigo dos revoltosos se torna um paradigma para todos aqueles que, por qualquer que seja a razão ou motivação, opõem-se aos líderes religiosos. A descida ao seio da terra significa a entrada no Sheol, e ele e os 250 líderes experimentam o torpor da desgraça e do castigo. Por outro lado, para legitimar todas as suas ordens, Moisés faz e fala apenas aquilo que Deus lhe inspira ou ordena. Assim sendo, nada do que Moisés fala ou ordena pode ser questionado, visto que é ordem de Yahweh.

Eliminados os opositores, Deus diz a Moisés para laminar incensórios. Eleazar é o encarregado dessa tarefa de preparar os incensórios, mas Aarão é o encarregado de fazer o rito de expiação do pecado dos revoltosos. Assim começa um restabelecimento da classe sacerdotal, do grande sacerdote Aarão e seu filho Eleazar (Nm 17,1-15). E os incensórios que sobram foram fundidos novamente em chapas para revestir o altar como

marco e testemunho da eliminação dos opositores. A congregação conservará o revestimento do altar como sinal de uma vitória e um castigo.

A vara que florescer será indicará a herança e autoridade sacerdotal. Yahweh falou a Moisés para que recebesse de cada chefe patriarcal uma vara, portanto, seriam 12 varas a serem colocadas na tenda da reunião. Sobre a vara de Levi ele escreveria o nome de Aarão. Todas as varas indicariam o nome dos chefes, representantes dos grupos. A vara que florescesse indicaria o direito e o privilégio de continuar no serviço sacerdotal do templo. Moisés explicou ao povo as regras e depositou as 12 varas na Tenda da Reunião, diante do Testemunho. No dia seguinte, quando Moisés veio à Tenda da Reunião, somente a vara de Aarão, pela casa de Levi, havia florescido (Nm 17,16-26). Essa seria a prova do castigo merecido dos revoltosos e a vara de Aarão depositada na Tenda do Testemunho teria uma dupla finalidade: a) justificar a legitimidade exclusiva do sacerdócio israelita; b) todo aquele que tentasse usurpar o cargo dos levitas seria tratado como Coré, Datã, Abiram e os outros revoltosos. Essa narrativa se torna emblemática para justificar a legitimidade exclusiva e excludente do sacerdócio aaronita, mas não sem antes eliminar todos os concorrentes. Clemente Romano, escrevendo aos Coríntios, insiste que eles não haviam captado as advertências do Apóstolo Paulo e que, se o comportamento deles continuasse desleixado, eles receberiam o mesmo castigo dos revoltosos contra Moisés e Aarão.

Todo esse enredo mostra a complexidade da formação do texto de Nm 16-17, que pode ser ampliada nos capítulos subsequentes, cujo objetivo era mostrar, num estilo dramático, a forma como o sacerdócio levita chegou a ser hegemônico ou pretendia a hegemonia.

A obra de Vicente Artuso é construída com muita sagacidade, humor e fino estilo literário. Explorando com delicadeza as nuances semânticas e literárias, primeiro discutindo as hipóteses de composição, mas depois, para efeito de conjuntura, aceitando o texto como está, mostra o drama que deve ter sido a construção da hegemonia do sacerdócio levítico, protegido por Yahweh e contra o qual ninguém pode. A pesquisa do Vicente tinha por objeto formal estudar o texto de Nm 16-17 sob a perspectiva estilístico-narrativa, mas abriu caminhos para outras teses de doutorado. Entre elas, indico apenas uma: como se formou o sacerdócio

aaronita e sadoquita que chegam até os tempos do Novo Testamento? Partindo da semântica hebraica, da análise narrativa, da estrutura literária, abriam-se muitos caminhos para novas pesquisas em torno desses textos com vínculos em outros. Realmente é um livro que contribui muito, especialmente para estudiosos das tradições veterotestamentárias e estudos judaicos intertestamentários.

Recebido: 28/09/2010

Received: 09/28/2010

Aprovado: 21/01/2011

Approved: 01/21/2011